

humanitas

Vol. XLVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVIII • MCMXCVI



sofisticada e não de um panfleto filosófico e, sobretudo, que Petrónio é um artista que teve em mira divertir com o que escreveu, sem dotar as suas criações da profundidade ética necessária à moralização. Neste sentido se pronunciaram também Gareth Schmeling e P.G. Walsh, que dedicou expressamente um artigo a esta questão (“Was Petronius a moralist?”, *G&R* 21, 1974, 181-190).

É um facto que o epicurismo de Petrónio tem limitações (convém não cair nos exageros de Oskar Raith), mas a posição ética necessária a uma sátira coerente também não precisa de assentar apenas nesse epicurismo. Cremos, ainda, que se tem cometido o erro de buscar esse suporte ético quase unicamente nas reflexões de Encólpio e em certos momentos — como na escola de retórica e na pinacoteca — em que o protagonista ou os seus interlocutores assumem um discurso abertamente moralizante. Considerados de forma isolada, tais passos prestam-se facilmente à confusão com *τρόποι* da oratória ou com a paródia de ideias de pensadores como Séneca. O que garante pertinência a essas tiradas moralizadoras é o facto de serem corroboradas pelo universo de interesses do romance. As críticas de Encólpio à educação e as de Eumolpo à decadência das artes, são confirmadas pela vida dos intelectuais: desarticulação da realidade, falsidade de sentimentos, subserviência relativamente à superstição e à opulência dos libertos. Acusam-se os professores, e a conduta de Agamémnon e de Eumolpo (enquanto *magister*) justifica a acusação. Agamémnon, por sua vez, defende-se, afirmando que os maiores culpados são os pais, que sacrificam a vocação dos filhos às suas ambições. Que dizer, portanto, de Equón e de Filomela? Mais ainda: não é consistente o reconhecimento algo amargo da decadência do *mos maiorum* nos seus antigos baluartes (anciãos, casta sacerdotal e aristocracia)? Não é sincera a desorientação do homem num mundo povoado de engano, ardis, guiado pela mão caprichosa da *Fortuna*, que outra saída não proporciona que não seja o reconhecimento da própria *ἀμηχανία*? No *Bellum Civile* (vv. 79-81), é mesmo um dos deuses mais poderosos a reconhecer que o arbítrio das coisas humanas e divinas se encontra nas mãos dessa divindade. Não é, por conseguinte, tão difícil como pretendem certos filólogos encontrar, no *Satyricon*, pontos de referência ética. O importante é considerar o romance na sua totalidade, evitando isolar os episódios, algo que poderá levar a uma compreensão deficiente.

DELFIN FERREIRA LEÃO

VICTOR JABOUILLE, *Périple de Hanão. Estudo e tradução*, (Inquérito, 1994), 111 pp.

Este texto insere-se na colecção dos *Clássicos Inquérito*, que tem dado a conhecer ao grande público obras importantes, muitas vezes em edição bilingue, como acontece com este tomo. Desta forma, pode também o estudioso da Antiguidade ter acesso ao original grego, a par com uma tradução de qualidade. O *Périple de Hanão* é uma curta narrativa de certa viagem realizada por um rei de Cartago, à volta da costa ocidental africana, possivelmente na primeira metade do séc. V a.C. O leitor não especializado perderia grande parte do valor desta narrativa, não fosse o cuidado que Jabouille colocou em dedicar mais de metade do livro a

discutir os principais problemas relativos à interpretação do *Périplo*. Nessa introdução, bem documentada e enriquecida pela reprodução de vários mapas, dá notícia crítica das abordagens diversas e, por vezes contraditórias, que o texto tem motivado, sem esquecer um confronto com a experiência marítima portuguesa. O autor integra o *Périplo* num tipo de literatura de viagens bastante cultivado na Antiguidade e que remonta a Heródoto. Em boa verdade, poderia recuar um pouco mais, já que o próprio Heródoto, o *pater historiae* como lhe chamou Cícero, não deixa de ser herdeiro da tradição de historiógrafos como Hecateu de Mileto, cujos trabalhos, que tinham muito de registo e de enumeração, se ocupavam, precisamente, de périplos, genealogias e fundações de cidades.

DELFIN FERREIRA LEÃO